

## A TELEVISÃO NÃO ESTÁ LÁ FORA

Itania Maria Mota Gomes<sup>1</sup>

Há uma tendência, talvez ainda hegemônica nos estudos de Comunicação, a enfatizar o processo de transformação tecnológica e avaliá-lo como uma sucessão de inovações, em que uma tecnologia simplesmente substitui a anterior e assim sucessivamente, o que levaria, diante do surgimento da Internet, à conclusão óbvia do fim da TV. Entretanto, uma das marcas do contexto midiático contemporâneo é a convergência de tecnologias (e não a substituição de uma tecnologia pela mais recente!) e a hibridização de fronteiras entre distintos *media* e distintas indústrias culturais. Certamente a televisão, como instituição, como tecnologia e como forma cultural, tem vivido um processo de intensa transformação devido a inovações tecnológicas, mas também devido a alterações nas práticas industriais de produção, criação e circulação, à revisão dos marcos regulatórios e da legislação trabalhista, a reconfigurações de hábitos e expectativas das audiências, a disputas por reconhecimento.

É esse cenário de convergência e de hibridização, em que gêneros, processos e produtos televisivos tradicionais convivem com uma crescente hibridização das produções, em que novos formatos de programação são experimentados, em que outras apropriações da audiência se configuram, que demanda de nós, analistas, críticos, profissionais, diferentes modos de apreensão da experiência televisiva. Os artigos reunidos neste dossiê pretendem a interpretação do fenômeno televisivo face ao contexto de transformações. Os três primeiros artigos tomam como eixo de análise a relação entre televisão e cultura da convergência do ponto de vista das suas articulações com novos modos de fazer televisão.

O texto que abre este dossiê, **Alice através...: Televisão, redes sociais e performances num produto televisivo expandido**, de Thiago Soares e Alan Mangabeira, nos faz pensar nos vínculos entre televisão e internet, ou, dito de outro modo, como a experiência de ver televisão, hoje, perpassa práticas de apropriação da internet (as redes sociais, o compartilhamento de vídeos) e como navegar na internet muitas vezes significa assistir televisão. No dizer dos autores, “a internet não só não ‘fagocitou’ a televisão, como

---

1 Professora da Faculdade de Comunicação da UFBA e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas.

grande parte dos conteúdos e compartilhamentos, sobretudo em redes sociais, advém da presença maciça da televisão no cotidiano das pessoas”. Através de uma análise da série *Alice* (HBO), os autores avaliam que quando mídias massivas e pós-massivas operam em convergência, as funções de ambas se expandem e interferem entre si, também em convergência.

Os dois artigos seguintes **Estatuto do audiovisual de tv na internet**, de Suzana Kilpp e Lorena de Risse Ferreira, e **Produzindo projetos de mídia “multiplataforma” para a televisão pública no Reino Unido: a BBC e o setor independente de produção**, de Andrea Meyer Medrado, James Bennett e Niki Strange, buscam compreender distintas estratégias adotadas por emissoras de TV em suas articulações com a internet e a cultura digital. O artigo de Suzana Kilpp e Lorena de Risse Ferreira mostra que as TVs brasileiras têm usado a internet, prioritariamente, para permitir aos internautas acessar os mesmos materiais audiovisuais veiculados pelas emissoras em outra plataforma e em outros regimes temporais que não os das grades de programação, o que as autoras interpretam como “uma interessante estratégia das emissoras consagradas no mercado da comunicação de mudar para manter-se como estão, e, de carona, preservar e reiteirar o poderoso estatuto do audiovisual de TV na Internet”. Assim, os vídeos encontrados nos *sites* das emissoras de TV são etnicidades remediadas, trazem da televisão os mesmos hábitos enunciativos, e mesmo quando colocadas em outro ambiente, como a web, permanecem com características enunciativas de sua origem, atravessadas pelas da web. Já Andrea Medrado, James Bennett e Niki Strange analisam como o setor de produção televisiva independente responde às transformações no contexto de serviço público de radiodifusão no Reino Unido e às estratégias de produção multiplataforma adotadas pela BBC. A partir de um estudo de caso e de abordagem etnográfica, os autores investigam uma pequena produtora independente, a Light Produções, localizada em Brighton, e acreditam que a forte cultura de transmissão linear, por contraste com a cultura digital, ainda caracterizaria a instituição mais representativa das produções de serviço público britânico, a BBC.

Uma avaliação das tendências das narrativas televisivas é o que motiva os três textos seguintes. Todos tomam em causa quais são as implicações, nos modos de contar histórias, das transformações no cenário midiático e avaliam como experiências com novos formatos e linguagem implicam diferentes convocações dos telespectadores. Os modos de contar as narrativas televisuais e suas modificações são o objeto de análise do ar-

tigo de Elizabeth Bastos Duarte, **Televisão: novas modalidades de contar as narrativas**, que mostra como a lógica narrativa vem sendo seguidamente colocada em causa pelos textos ficcionais produzidos pela televisão brasileira, que superpõe e imbrica narrativas, privilegia o fragmento e convoca telespectadores a preencher as lacunas, a precisar intenções e sentidos. Segundo a autora, essas novas modalidades de narrativa resumem as tendências atuais, instaurando novas estratégias de discursivização e textualização, tanto em razão de reconfigurações dos cenários econômico, social e cultural quanto das transformações tecnológicas. Nesse caso, as diferentes plataformas de exibição e interação modificam as formas de organização da linguagem e estética televisivas, introduzindo estratégias de caráter interativo que fazem dos receptores, antes meros telespectadores, usuários e até mesmo produtores, ao mesmo tempo em que “sites, blogs, twitters conferem vida às tramas televisuais dentro e fora da televisão, atuando tanto no interior dos produtos televisuais, inseridos na própria trama, como, externamente, para além dos limites do televisual, como expansão de suas narrativas”. Os processos de interação entre TV e telespectadores, que têm estimulado o desenvolvimento de conteúdos colaborativos através de operações multimídia, ocupam, justamente, o esforço de análise do texto **Conteúdo colaborativo na TV: formulações para a figura narrativa do telespectador**, de Alexandre Kieling. Nele o autor investiga o papel narrativo que esse enunciador virtual, telespectadores, que colaboram com a produção dos programas de TV, enviando material audiovisual, tem em grandes emissoras, como a Globo ou a CNN e avalia que sua inscrição no relato ainda é uma promessa: “Ele envia seus textos, mas todos os conteúdos invariavelmente passam pelos filtros dos sistemas de produção e dos outros enunciadores. Na sua maioria são adaptados às lógicas de publicação características do meio. Sabidamente, essas instâncias, enquanto enunciatórias, se submetem às operações dinâmicas das narrativas audiovisuais, tendo suas dimensões de autoria variando segundo os gêneros e os mundos macronarrativos da TV”. De todo modo, o reconhecimento autoral do telespectador resulta numa nova inscrição no conteúdo televisual veiculado pelas emissoras de TV.

Para Renato Luiz Pucci Junior, há fortes indícios de que a televisão brasileira adentrou em nova fase de narrativas ficcionais. A convergência entre cinema e televisão motiva o estudo de caso que o autor realiza em **A ficção televisiva brasileira em nova etapa? - Hoje é Dia de Maria e o cinema pós-moderno**, em que a minissérie dirigida por Luiz Fernando Carvalho se mostra como resultado do esforço dos realizadores de levar às últimas consequências princípios pós-modernistas a que o grande público já vem se

habitando devido à presença de produtos pós-modernos na TV brasileira. A produção pós-modernista não seria mais apenas um nicho na grade da Globo, mas o resultado de como as interlocuções com o cinema se amplificaram e prepararam um público capaz de fruir a minissérie.

**Reality-Show: ascendências na hibridização de gênero** propõe-se a analisar os programas de realidade enquanto eventos televisivos de plena dignidade, o que significa, para Samuel Mateus, reconhecer o *reality-show* como um gênero televisivo de pleno direito e investigar as influências que contribuíram para lhe dar forma e estabelecer o conjunto de seus atributos distintivos. O *reality-show* é um gênero híbrido, que se define pela multiplicidade de influências que concorrem para lhe dar forma - os movimentos artísticos do Realismo e do Naturalismo, a estética documental, o jornalismo sensacionalista - analisados em sua articulação com novos imperativos da indústria televisiva.

O texto que fecha este dossiê, **“Malhação IDentidade”**: a interação juvenil na cultura da convergência, analisa como a interação do receptor/consumidor com múltiplas plataformas interfere na formação de sua identidade, tomando como objeto de estudo o primeiro case transmídia da Rede Globo. As autoras Veneza Ronsini, Milena de Oliveira-Cruz e Solange Prediger buscam compreender a definição que os jovens têm do estilo de vida, tendo em vista o consumo de bens materiais e midiáticos, relações afetivas, trabalho, família e escola, através da comparação das representações que eles têm dos personagens juvenis de Malhação com uma auto-representação.

Os artigos reunidos neste dossiê, em sua diversidade de temas, estilos, referenciais teóricos e metodológicos, evidenciam que a televisão é uma instituição cultural, o que pressupõe que as transformações no conjunto de valores, normas, prescrições, práticas operam sempre numa articulação entre o instituído e o instituinte, entre sociedade e sujeitos, entre tradição e criatividade, entre pressupostos cristalizados e novos sentidos. A televisão não se deixa apreender apenas como tecnologia (uma tecnologia sendo ultrapassada por outra?). Como instituição cultural, ela é um processo permanente de produção de sentido, resultado de uma complexa elaboração e, como tal, continuamente renovada. A interpretação do fenômeno televisivo não deveria passar ao largo da premissa de que a televisão não está “lá fora”, não é algo que está às margens das nossas vidas cotidianas. A experiência televisiva é mais um dos processos cotidianos de produção de sentido. Analisar televisão requer, assim, uma compreensão da maneira como vivemos, cada um de nós, individualmente, mas sempre de modo profundamente

social, a complexidade das relações entre processos tecnológicos, materialidades econômicas, estruturas sociais e políticas e práticas de produção de sentido.